

HISTÓRIA COMPARADA E MÉTODO COMPARATIVO HISTORIOGRÁFICO: PROBLEMÁTICAS E PROPOSTAS

OTÍLIA LAGE*

Resumo: Ensaia-se uma abordagem teórico-metodológica à História Comparada e ao método comparativo em história na sua constituição, principais usos, problemas e contributos. Traça-se um breve histórico desta disciplina, campo intradisciplinar a partir de Marc Bloch, fundador da Escola dos Annales que estabeleceu as bases da formulação mais sistemática da história comparada problematizadora e do método comparativo como parte do ofício do historiador, até à recente perspectiva de «comparar o incomparável» proposta por Marcel Devienne.

Considerando ainda que «toda história é história comparada»¹, acentua-se que a História Comparada é original mais pela sua elaboração do que pelos seus resultados, e consiste, de modo geral, na possibilidade de se examinar sistematicamente como um mesmo problema atravessa realidades histórico-sociais distintas. Tendo por objectivos expôr e explicar problemas e apresentar procedimentos heurísticos promissores como a analogia e a associação, recorre a aproximações ou oposições, pondo em destaque traços comuns ou insistindo nas diferenças como soluções diversas para um problema comum.

Por sua vez, o método comparativo na história permite pensar questões importantes em contextos diferentes através de olhares plurais com múltiplos focos e diversas escalas de observação e análise. Importa assim explorar essas potencialidades na construção de objectos e projectos de pesquisa sobre realidades históricas distintas, apesar das críticas e incertezas com que ainda se confronta, sobretudo quanto ao problema das unidades espaço-temporais de comparação.

*Investigadora integrada do CITCEM – Grupo de investigação: Valores em Transação/Valores em Transição.

¹ VEYNE, 1983.

Reflecte-se então sobre «o que se pode comparar» e o «como se compara», questões fundadoras e relevantes para o exercício colectivo de experimentação comparada sobre temas contíguos e inter-relações significativas.

Neste âmbito conceptual esboça-se uma proposta de análise comparativa do Alto Douro e Ilha do Pico, paisagens vinhateiras culturais Património Mundial (UNESCO).

Palavras-chave: História Comparada, evolução e potencialidades; Método comparativo historiográfico, problemáticas e propostas.

Abstract: A theoretical-methodological approach is applied to Comparative History and to the Comparative Method in History in its constitution, main uses, problems and contributions. A brief history of this discipline, an intradisciplinary field, is drawn from Marc Bloch, founder of the School of Annales, who laid the foundations for the more systematic formulation of comparative problematizing history and comparative method as part of the historian's office, to the recent perspective of «Compare the incomparable» proposed by Marcel Devienne.

Considering also that «all history is comparative history»², it is emphasized that Comparative History is original more by its elaboration than by its results and consists, in general, of the possibility of systematically examining itself as a The same problem crosses different historical-social realities. With the aim of exposing and explaining problems and presenting promising heuristic procedures such as analogy and association, it uses approaches or oppositions, highlighting common traits or insisting on differences as diverse solutions to a common problem.

In turn, the comparative method in history allows us to think important questions in different contexts through multi-focal plurals and various scales of observation and analysis. It is therefore important to explore these potentialities in the construction of objects and research projects on different historical realities, despite the criticisms and uncertainties with which it still faces, especially regarding the problem of comparative spatio-temporal units. It is then reflected on «what can be compared» and «how to compare», founding and relevant issues for the collective exercise of comparative experimentation on contiguous themes and significant interrelationships.

In this conceptual framework, a proposal for a comparative analysis of the Upper Douro and Pico Island, World Heritage Cultural Landscapes (UNESCO) is outlined.

Keywords: Comparative History, evolution and potential; Comparative Historiographic Method, problems and proposals.

INTRODUÇÃO

Faz-se uma aproximação teórico-metodológica à História Comparada e sua afirmação como domínio específico da historiografia, em seus principais usos, problemas, méritos e contributos, sub-

² VEYNE, 1983.

linhando alguns dos princípios basilares da história comparada «problema» ou problematizadora³. Releva-se o interesse do método comparativo historiográfico, em suas implicações e vantagens, e da sua aplicação à temática deste *workshop/CITCEM* (Out. 2017) de vocação comparatística.

Método comparativo, história comparada, comparativismo histórico ou método comparado na História são expressões que definem a possibilidade de duas ou mais realidades histórico-sociais diferentes, contíguas e/ou separadas no espaço e/ou no tempo, serem comparadas sistematicamente, com vista a estabelecer semelhanças, diferenças, generalizações e individualizações⁴.

As duas paisagens vinhateiras culturais (Douro e Pico) de Portugal Património da Humanidade configuram-se, enquanto objecto de estudo conjunto, como unidades geo-históricas de espaço-temporalidades múltiplas e diferenciadas. Inscritas num sistema mundializado, requerem no campo da investigação, um exercício de experimentação comparativa plural e transdisciplinar na longa duração, sob observação multi-escalar. Correlacionando estas duas paisagens culturais, em suas peculiaridades, com o panorama mundial das regiões vinhateiras Património da Humanidade, tenta-se estabelecer por justaposição o *tertium comparationis* para formular hipóteses e/ou problemas a partir do que apresentam em comum: semelhanças e proximidades a contrastar.

Considerando à luz da teoria da globalização que «o instrumento da comparação não é um fim em si mesmo, independentemente da sua relevância para uma elaboração conceptual global»⁵ destaca-se, por fim, a importância de delimitar a *unidade de análise* comparativa como um *sistema global* tendente à dilucidação de «dimensões tipológicas» e de «carácter paradigmático»⁶.

1. A HISTÓRIA COMPARADA UM MÉTODO PARA FAZER HISTÓRIA: APROXIMAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

1.1. O que é e como evoluiu a História Comparada?

O método da comparação e o uso do comparativismo histórico, com raízes no iluminismo (Voltaire, Montesquieu) e na economia de Adam Smith, na Europa do século XVIII, desenvolve-se como forma de conhecimento mais sistematizado, no século XIX, com a metodologia de comparação (concordância/diferença) de John Stuart Mill e seus discípulos Theda Skocpol e Barrington Moore, muito influenciada pelas contribuições da Antropologia e da Sociologia. Acabariam por afirmar-se na primeira metade do século XX em resposta a correntes historicistas contra os nacionalismos exagerados então emergentes, com o surgimento da História Comparada propriamente dita, uma nova e

³ BLOCH, 1928: 1934.

⁴ FLORINDO, 2013: 379-390; BARROS, 2007a: 1-30.

⁵ RIBEIRO & RAMALHO, 2001: 411. Este estudo de referência relevante analisa com base na “hetero-referencialidade” independentemente de “contactos” ou “influências”, a obra de dois escritores clássicos da literatura portuguesa e austríaca. Assente na “teoria da globalização” faz uma profunda revisitação e crítica do paradigma positivista dos “estudos culturais comparados” que se tem centrado nos fenómenos de contacto, ou estudo das relações directas que e foram estabelecendo ao longo do tempo entre diferentes culturas, perspectiva considerada superficial e arriscada num sistema internacional a que é contraposto um sistema global.

⁶ RIBEIRO & RAMALHOS, 2001: 412.

instigante modalidade historiográfica. Esta, fortemente marcada pela problematização e complexidade, passou a referir-se a um modo específico de fazer história e à escolha de um campo de observação multi-focal, ao perguntar «o que e como observar?» permitindo respostas efetivamente originais a estas duas indagações fundamentais.

Pensar a História Comparada remete diretamente a Marc Bloch, um dos fundadores da Escola dos Annales e talvez o maior expoente da historiografia surgida no entre-guerras a defender o método comparativo.

Em 1928, no Congresso de Oslo, Bloch considera que a História Comparada consiste em eleger, num ou mais meios sociais diferentes, dois ou mais fenómenos que à primeira vista parecem apresentar certas analogias, descrever as suas curvas evolutivas, constatar semelhanças e diferenças e dilucidá-las não enquanto explicação absoluta e global, indistintamente dos contextos. Viria mais tarde a alertar, em 1934, no Colégio de França, para os perigos da imposição arbitrária de fronteiras nos estudos sociais e históricos, ao não atenderem ao carácter das dimensões e inter-relações reais dos fenómenos, processos ou factos estudados, não podendo assim dar conta da sua singularidade ou dos aspectos comuns a outros casos, correndo-se o risco de, a partir de perspectivas erradas, cometer anacronismos e chegar a conclusões falsas.

Marc Bloch procurou fixar os requisitos fundamentais de constituição de uma História Comparada que realmente fizesse sentido. Dois aspectos irredutíveis seriam imprescindíveis: alguma similaridade dos fatos e certas dissemelhanças nos ambientes em que esta similaridade ocorra. Visualizou dois grandes caminhos a serem percorridos pelos historiadores dispostos a usarem o comparativismo na História: seria possível comparar sociedades distantes no tempo e no espaço, ou então, sociedades com certa contiguidade espacial e temporal⁷.

Nos finais da década de 1990, num contexto bem mais amplo de trabalhos e desenvolvimento da historiografia que o da contemporaneidade de Bloch, Jürgen Kocka propôs uma definição de comparação bastante similar, acentuando a sua natureza sistémica mais direcionada para a metodologia e a projecção da investigação histórica interessada em formular afirmações de amplo alcance sobre acções, experiências, processos e estruturas históricas.

Numa linha de pensamento idêntica, o historiador britânico John Elliott⁸ sustenta que se poderá continuar a reivindicar a história nacional, regional e local ao restaurar na disciplina da História Comparada o papel das identidades nacionais e locais num determinado processo, evento ou facto histórico visando uma compreensão mais profunda das peculiaridades de cada sociedade⁹. Uma das grandes potencialidades da História Comparada consistiria na avaliação de processos históricos em nações ou unidades políticas e territoriais distintas que permitam estabelecer o que é particular das histórias nacionais, regionais ou locais e o que há de comum com outros processos históricos ocorridos em cenários geo-históricos distintos, possibilitando definir, por contraste comparativo, os factos históricos que resultam de processos mais globais. A eleição dos processos históricos a comparar

⁷ BARROS, 2007b: 13-14.

⁸ ELLIOTT, 1999: 35.

⁹ ELLIOTT, 1999: 32

seria outorgada pela proximidade da unidade a contrastar, sendo pelo contraste com outra realidade histórica que se poderá aceder a inovadoras interpretações teóricas. A semelhança e a diferença estabelecem aqui um jogo perfeitamente dinâmico e vivo: sem analogias e sem diferenças não é possível falar-se numa autêntica História Comparada.

Foram assim lançados os alicerces e fundamentos de uma História Comparada problema ou problematizadora, que se perfilha.

1.2. Comparativismo historiográfico

O valor do método comparativo em história cujo objectivo principal é expôr e explicar problemas, reside na observação das diferenças e naquilo que se repete noutros cenários, que é o próprio da história comparada, mais do que na identificação de semelhanças que é de suma importância para explicações mais estruturais.

O comparativismo historiográfico, através do confronto de múltiplos focos de análise, de olhares plurais e diversas escalas de observação, permite pensar questões importantes em ambientes e contextos diferentes, tendo em vista trazer contribuições que seriam impossíveis numa investigação centrada apenas num foco.

São muitas as implicações e vantagens do método comparativo em história, quer pelas potencialidades para o desenvolvimento da disciplina histórica que se podem encontrar no contraste sistemático de unidades em comparação, quer pelo seu contributo para a realização de uma investigação sistemática sobre um dado fenómeno ou problema numa espaço-temporalidade determinada¹⁰.

Não obstante a utilidade da História Comparada e do comparativismo historiográfico, método que continua apesar de suas vantagens a ser objecto de temores e críticas sobretudo no que concerne ao problema das unidades espaciais e/ou temporais de comparação, o seu exercício continua ainda a ser escasso entre os historiadores. Razões que concorrem para sublinhar a importância da sua prática generalizada em projectos de investigação transdisciplinares mais alargados.

Daí o interesse de se esboçar brevemente a sintaxe e semântica do método comparativo.

1.2.1. Operações e fases principais do método comparativo

Este método de investigação, comum às Ciências Sociais e Humanas ainda que de uso hoje mais generalizado em determinadas áreas como a Educação, a Literatura¹¹, a História e os Estudos Culturais, implica e supõe em regra, quatro operações conceptuais:

A descrição ou obtenção dos dados necessários a uma exposição dos elementos primordiais sucinta e de natureza preferencialmente descritiva; a interpretação dos dados expostos com recurso aos métodos mais adequados das ciências sociais, em ordem a estabelecer o primeiro confronto dos mesmos; a justaposição que permite estabelecer o *tertium comparationis* e definir a hipótese de estudo e/ou o problema de comparação; e a comparação ou análise simultânea das unidades geo-históricas além-fronteiras.

¹⁰ CABALLERO ESCORCIA, 2015.

¹¹ CARVALHAL, 2006: 85-86.

Com esta última operação visa-se iluminar um objecto ou situação a partir de outro mais conhecido e, aprofundando esta prática comparativa, fazer analogias, identificar semelhanças e diferenças entre duas realidades e perceber variações de um mesmo ou idêntico modelo. É possível, por vezes, a prática mais sofisticada da «iluminação recíproca» que permite confrontar duas realidades ainda não conhecidas de modo a que os traços fundamentais de uma ponham em relevo os aspectos da outra, dando a perceber a ausência de elementos numa e noutra, as variações de intensidade relativas à mútua presença de algum elemento em comum.

Será por fim possível, se o que se observa são dois objetos ou realidades dinâmicas em transformação, verificar como os elementos identificados através da comparação vão variando em alguma direção mais específica, de modo que se possa identificar um certo padrão de transformações no decurso de um tempo determinado¹².

Como se verifica, entrelaçam-se no método comparativo duas fases metodológicas, sequencialmente articuladas¹³: a descritiva, que supõe a interpretação e converge numa descrição-analítica mais elaborada; e a comparativa em que se formulam as hipóteses e se faz a justaposição dos dados e conclusões analíticas.

A fase descritiva consiste basicamente na recolha, utilização e apresentação dos dados, qualitativos e/ou quantitativos, procurando elaborar uma descrição clara, ordenada e rigorosa o que requer reflexão e análise sistemática dos dados (mutação) que melhor traduzam uma dada realidade.

É praticamente impossível avançar na descrição sem fazer uso da interpretação, a qual é imprescindível na apreciação, classificação e selecção dos dados mais pertinentes. A formação científico-cultural e ideológica do investigador tende a impôr-se à sobrevalorização de carácter histórico, sociológico ou económico. Embora se possa perder em objectividade, em contrapartida, ganha-se em inteligibilidade.

Com a descrição analítica, mais elaborada e complementada pelas conclusões descritivas explicativas e analíticas, ficam reunidas as condições para se avançar para o estudo comparado.

A fase comparativa reside na formulação das hipóteses comparativas e na justaposição dos dados e conclusões analíticas. Como a informação e a reflexão são agora mais qualificadas e fundamentadas pode saber-se melhor o que deve ou não ser contemplado como hipótese de comparação e como empreender a justaposição dos dados e conclusões analíticas, o que permite a confrontação necessária à confirmação ou refutação da hipótese, numa abordagem concisa e preferencialmente gráfica (quadros, esquemas e diagramas). Examinam-se com rigor semelhanças e diferenças entre dados e conclusões analíticas para se estabelecer o *Tertium comparationis* que permite então avançar com maior segurança numa análise comparativa sintética, articulada e globalizante.

¹² BARROS, 2007b: 7-21.

¹³ Método Comparativo na Educação a partir do modelo de George Bereday (1964), vd. BRAY *et. al.*, 2015: 27 e ss.

Como qualquer outra investigação científica, o comparativismo historiográfico não pode aspirar a uma eficácia nomotética absoluta, devendo no entanto propiciar conclusões precisas e permitir verificar até que ponto se conseguiu confirmar a hipótese equacionada ou o problema formulado.

2. REGIÕES VITIVINÍCOLAS E PAISAGENS VINHATEIRAS CULTURAIS PATRIMÓNIO MUNDIAL

O Programa de Património Mundial administrado pela UNESCO, nomeia e conserva locais de excepcional importância cultural ou natural para o património comum da humanidade, encontrando-se assim classificados, atualmente, quase mil sítios. Culturas historicamente marcadas pela vitivinicultura constam também dessa lista. Foram já quatorze as paisagens vinhateiras europeias reconhecidas pela UNESCO, como Património Mundial localizadas em sete países da Europa (França, Portugal, Alemanha, Áustria, Hungria, Suíça e Itália) o que comprova a importância cultural e natural da vitivinicultura (quadro n.º 1).

Além destes territórios, outros valores culturais da cultura da vinha e do vinho são já também Património da Humanidade, como por exemplo: a técnica milenar *vite ad alberello* de cultivo de uvas da Ilha Pantelleria em Itália e o *Qvevri*, método ancestral de produção de vinhos da Geórgia; o Museu da Cultura do Vinho de La Rioja, em Logroño/(País Basco), considerado pela UNESCO o melhor do mundo em sua categoria¹⁴; e ainda em Espanha, o Itinerário Cultural de Vinho e Vinha através de Cidades Mediterrânicas (1998) que inclui diversas regiões vitivinícolas espanholas.

Esta classificação pretende abarcar não só o local, mas também castas de uva tradicionais que caracterizam o vinho de cada região e técnicas de produção das vinhas e do vinho, devendo os produtores provar que são parte de um cenário de valor universal excepcional e que a produção vinícola é um fator determinante na paisagem natural e no contexto cultural e histórico do local.

Dentre os critérios e factores considerados em regra destacam-se designadamente: a identidade local, a tradição e a inovação, o património material e imaterial, o trabalho humano histórica e socialmente incorporado, os saberes e as técnicas de cultura da vinha e do vinho, a singularidade das vinhas e vinhedos, a qualidade reconhecida dos vinhos, a autenticidade dos *terroirs*, a história e a geografia dos lugares e regiões, conforme se pode deduzir do quadro síntese n.º 2.

3. PROPOSTA ANALÍTICA DE ABORDAGEM COMPARATIVA DAS DUAS REGIÕES VINHATEIRAS (DOURO E PICO) PATRIMÓNIO MUNDIAL

Uma leitura interpretativa global dos dados e conclusões descritivo-explicativas deste quadro permite deduzir que «o vinho, mais do que uma bebida, é história, cultura e identidade de muitos povos». Esta conclusão analítica adensada por outros elementos paradigmáticos (universalidade/singularidade de diferentes espaço-temporalidades das regiões vinhateiras património mundial, identidades locais,

¹⁴ RUSCHEL, 2015.

trabalho do homem no afeiçoar da natureza, vinhedos e vinhos excepcionais) concorre para estabelecer o *tertium comparationis* de abordagem comparativa destas duas regiões vinícolas portuguesas.

Como se pode verificar, contrastadas entre si e com o cenário mundial das regiões vinícolas património da humanidade encontram-se marcadas por um elevado grau de *hetero-referencialidade* decorrente em grande medida da intertextualidade bem patente quer nas propostas nacionais e regionais de inscrição no património mundial, em suas representações e pertenças identitárias singulares, quer nas declarações oficiais finais de classificação globalizante da UNESCO.

As modalidades de abordagem comparativa que se deixaram equacionadas como favoráveis a um conhecimento mais consistente e rico destas duas paisagens culturais vinhateiras, procuram desviar-se dos «factos» para as «posições» e as «correspondências estruturais», permitindo «os jogos de similitude e diferença detectáveis, a este nível, ilustrar a complexidade das relações possíveis entre o local e o global no contexto contemporâneo»¹⁵. Neste enquadramento de análise aplicável a este estudo comparado revela-se assaz operativo, o conceito de identidade, como «comunidade imaginada», em sua tripla acepção: «plural» (participação em diversas constelações identitárias); «dinâmico» (em permanente transformação, a identidade é o que devém); e «discursivo» (constituído no processo de comunicação social implica a interrogação sobre textualidade das identidades)¹⁶.

Esta proposição analítica que se advoga para a investigação comparativa englobante e articulada a prosseguir sobre as duas paisagens vinhateiras culturais nacionais património mundial, deverá então ter por base um fio condutor derivado do novo paradigma dos estudos culturais comparados¹⁷ em que se privilegiam noções chave como: a «dialéctica nacionalismo/cosmopolitismo», a *hetero-referencialidade* (independentemente de «contactos» e «influências») e os «*topoi* identitários» que podem ser colocados em correlação estrutural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pontuou, para falarmos em *método comparativo* é preciso ultrapassar uma concepção de comparação próxima do senso comum e da intuição, de forma a poder alcançar-se um nível de observação e análise mais profundo e sistematizado, em que «o que se pode comparar» e o «como se compara» se tornam questões relevantes e fundadoras de um novo e mais apurado gesto metodológico¹⁸.

Se é verdade que de um modo ou de outro, o historiador sempre utilizou a comparação como parte de seus recursos para compreender as sociedades no tempo, não o fez sempre e necessariamente como um método sistematizado.

Sendo certo também que *comparar, elencar semelhanças e diferenças e estabelecer analogias* são naturalmente ações tão familiares ao historiador como contextualizar os acontecimentos ou dialogar com as fontes.

¹⁵ RIBEIRO & RAMALHO, 2001: 412.

¹⁶ RIBEIRO & RAMALHO, 2001: 416.

¹⁷ RIBEIRO & RAMALHO, 2001: 414.

¹⁸ BARROS, 2007b: 13.

Por fim e ainda que se considere, em última instância, que «toda história é história comparada» como sustenta Paul Veyne¹⁹, retomando um pressuposto de Giambatista Vico, poderemos e devemos, metodologicamente, atribuir um sentido mais específico ao *comparativismo histórico* como abordagem possível e desejável e não como algo que estaria sempre implícito a todo o *fazer histórico*.

ANEXOS

Quadro 1. Paisagens Vinhateiras Europeias - Património Mundial UNESCO²⁰

	Ref. ^a UNESCO	Paisagens Vinhateiras Europeias - Património Mundial UNESCO	Ano de inscrição	Critério	Core-zone (ha)	Buffer-zone (ha)	País	Critério (i)	Critério (ii)	Critério (iii)	Critério (iv)	Critério (v)	Critério (vi)
1	826	Cinque Terre	1997	(ii) (iv) (v)	4 689	---	Itália		X		X	X	
2	932	St. Emilion	1999	(iii) (iv)	7 847	5 101	França			X	X		
3	933 bis	Vale do Loire	2000	(i) (ii) (iv)	86 021	213 481	França	X	X		X		
4	970	Wachau	2000	(ii) (iv)	18 387	2 942	Áustria		X		X		
5	772 rev	Fertő-Neusiedler See	2001	(v)	68 369	6 347	Áustria Hungria					X	
6	1046	Alto Douro Vinhateiro	2001	(iii) (iv) (v)	24 600	225 400	Portugal		X		X	X	
7	1063	Tokaj	2002	(iii) (v)	13 255	74 879	Hungria			X		X	
8	1066	Vale do Reno - Upper Middle Rhine Valley	2002	(ii) (iv) (v)	27 250	34 680	Alemanha		X		X	X	
9	1026 rev	Val d'Orcia	2004	(iv) (vi)	61 188	5 660	Itália				X		X
10	1117 rev	Pico	2004	(iii) (v)	987	1 924	Portugal			X		X	
11	1243	Lavaux	2007	(iii) (iv) (v)	898	1 408	Suíça			X	X	X	
12	1390 rev	Piemonte: Langhe-Roero e Monferrato	2014	(iii) (v)	10 789	76 249	Itália			X		X	
13	1425	Borgonha	2015	(iii) (v)	13 219	50 011	França			X		X	
14	1465	Champanhe	2015	(iii) (iv) (vi)	1 102	4 251	França			X	X		X
								1	5	7	9	9	2

¹⁹ VEYNE, 1983.

²⁰ Quadro elaborado pelo arquiteto Filinto Girão, CCDR-N (Porto), a quem se agradece.

Critérios:

- (i) Representar uma obra-prima do génio criador humano;
- (ii) Ser testemunho de um intercâmbio considerável de influências, durante um dado período ou numa determinada área cultural, sobre o desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, do planeamento urbano ou da criação de paisagens;
- (iii) Constituir um testemunho único, ou pelo menos excepcional, de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida;
- (iv) Representar um exemplo excepcional de um tipo de construção ou de um conjunto arquitetónico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana;
- (v) Ser um exemplo excepcional de povoamento humano tradicional, da utilização tradicional do território ou do mar, que seja representativo de uma cultura (ou culturas), ou da interação humana com o meio ambiente, especialmente quando este último se tornou vulnerável sob o impacto de alterações irreversíveis;
- (vi) Estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, ideias, crenças ou obras artísticas e literárias de significado universal excepcional (o Comité considera que este critério deve de preferência ser utilizado conjuntamente com outros);

Quadro 2. Regiões vitivinícolas Património da Humanidade

País	Região	Classificação UNESCO (Ano)	Fatores de reconhecimento	Elementos descritivos
França	Sudeste Saint-Émilion Bordéus	1999	Vinhos (Château Cheval Blanc) / “excepcional paisagem dedicada à viticultura, com muitos monumentos históricos em cidades e vilas” (UNESCO).	Pequeno lugar medieval com casas antigas é um dos principais produtores de vinhos tintos do mundo, fabricados em castelos predominantes na região. Primeira região vinícola classificada.
França	Champanhe	2015	Vinhos / caves / comércio / história / “Vinhedos, adegas subterrâneas e postos comerciais em prédios históricos”.	A região resulta da perícia aperfeiçoada ao longo dos anos para produzir vinhos espumantes com segunda fermentação na garrafa.
França	Borgonha	2015	Vinhos (Domaine de la Romanée-Conti, um dos mais caros do mundo) / Cultura vinícola/história / paisagem / microclimas.	Cultivo da vinha desde a Idade Média, com centros importantes da cultura vinícola do país.

País	Região	Classificação UNESCO (Ano)	Factores de reconhecimento	Elementos descritivos
Itália	Piemonte	2014	Vinhos / Várias regiões vitivinícolas / História antiga / cultura vinícola diversificada / paisagem-arquétipo do vinhedo europeu.	Área classificada engloba 5 regiões vitivinícolas, produtivas desde o século V a.C., quando o local servia de contacto e comércio entre celtas e etruscos. Têm fama as uvas Nebbiolo, e os vinhos Barolo e Barbaresco.
Hungria	Tokaj (Próximo da Eslováquia e Ucrânia)	2002	Vinhos / produção em grande escala / Tradição de vitivinicultura Europa de Leste / História antiga / Geografia de montanhas e vales. Tradição milenar de vitivinicultura distinta.	Região vitícola que faz deste país do Leste Europeu um dos 10 maiores produtores de vinhos do mundo. Vinhedos e adegas, vilas, fazendas e casas históricas e célebre vinho Tokaj Aszú. Presente no hino nacional.
Portugal	Alto Douro	2001	História antiga / Geografia de vales e montanhas / Vinhos do Porto e Douro / trabalho do Homem e Natureza agreste / “paisagem cultural evolutiva e viva” (UNESCO).	Uma das áreas vinícolas mais antigas do mundo (demarcada 1756), com cultura da vinha e vinho desde a romanização. Solo pobre e íngreme, sol de 46°C no verão, uvas fruto de uma agricultura extrema e esforço produtivo determinante da evolução da paisagem viva cultural. Vinhedos em geios antigos, socalcos, patamares e outras formas de armação do terreno.
Portugal Açores	Ilha do Pico (2ª maior ilha do Arquipélago)	2004	Paisagem / História / Cultura / “paisagem cultural única feita pelo Homem no afeiçoar da Natureza”.	Indícios da vinicultura desde o século XV, numa reunião de campos, casas do século XIX, adegas, igrejas e portos. Paisagem extraordinária feita pelo homem (diversos currais para sustentar ventos e água do mar) - exemplo de prática vitícola histórica.
Suíça	Lavaux Alpes – Lago de Lemano / Genebra (Parte ocidental da Suíça)	2008	Vinhos de qualidade excepcional / Vinhas montanhosas em terraços / produção pequena escala.	Vinhedos de Lavaux, em Genebra, cultivados em degraus nas montanhas desde o século XII, pelos mosteiros. Cerca de 2/3 da região ocupados por videiras. Vinhos de Lavaux com 8 apelações de origem controlada (AOC), consumidos na região; só 1% da produção é exportada.
Alemanha	Mittelrhein (Médio Reno)	2002	Uvas e vinhos de casta especial / vinhedos e castelos do Reno.	Região de vinhedos e castelos nas encostas íngremes do rio Reno, faz do país o maior produtor mundial de uvas Riesling, casta versátil, usada no tradicional vinho branco, rosés ou tintos, podendo até ser transformada em água.
Espanha	La Rioja	2013-2015 candidatura	Vinhos e vinhedos.	A Espanha detém o 2º lugar no ranking da UNESCO, com o maior número de patrimónios classificados.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, José d' Assunção (2007a) — *História Comparada – um novo modo de ver e fazer a história*. «Revista de História Comparada», vol. 1, n.º 1, p. 1-30. Disponível em http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/volume001_Num001_artigo001.pdf. [Consulta em 7/12/ 2016].
- ____ (2007b) — *História Comparada: da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico*. «História Social», n.º 13. Campinas: Programa de Pós-Graduação em História do IFCH/UNICAMP, p. 7-21.
- BLOCH, Marc (1928) — *Pour une histoire comparée des sociétés européennes*. «Revue de Synthèse Historique», n.º 6. Paris: Librairie Léopold Cerf, p. 15-50.
- BRAY, Mark; ADAMSON, Bob; MASON, Mark (1999) — *Introdução*. In BRAY, Mark; ADAMSON, Bob; MASON, Mark (org.) — *Pesquisa em Educação Comparada: abordagens e métodos*. Brasil: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília; Liber Livro Editora.
- CABALLERO ESCORCIA, Boris Alexander (2015) — *La historia comparada. Un método para hacer Historia*. «Sociedad y Discurso», n.º 28. Aalborg: Aalborg University Press, p. 50-69.
- CARVALHAL, Tânia Franco (2006) — *Literatura Comparada*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 85-86. 4ª edição revista e ampliada.
- ELLIOTT, John H. (1999) — *Historia nacional y comparada*. «Historia y Sociedad», n.º 6. Medellín: Universidad Nacional de Colombia sede Medellín, p. 12-36.
- FLORINDO, Gauber Miranda (2013) — *O Método Comparado na História: das problemáticas às novas propostas*. «Revista de Ciências Humanas», vol. 13, n.º 2. Viçosa: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa, p. 379-390.
- RIBEIRO, António Sousa; RAMALHO, Maria Irene (2001) — *Identidade e Nação na(s) poética(s) da modernidade: Os casos de Fernando Pessoa e Hugo von Hofmannsthal*. In SANTOS, Boaventura - *Entre ser e estar: Raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto: Edições Afrontamento, p. 411-435.
- RUSCHEL, Rogério Raupp (2015) — *La Rioja, Espanha, quer ter paisagem e cultura vinícola reconhecidas como Património da Humanidade pela UNESCO*. «Vinetur – La Revista Digital del Vino». Disponível em: <<https://www.vinetur.com/posts/2119-la-rioja-espanha-quer-ter-paisagem-e-cultura-vinicola-reconhecidas-como-patrimonio-da-humanidade-pela-unesco.html>>. [Consulta em 7/12/ 2016].
- VEYNE, Paul (1983) — *Como se Escreve a História*. Brasília: UNB.